

**OLHARES PLURAIS PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O COMÉRCIO
DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS E O MERCADO PÚBLICO DE
BRAGANÇA/SP - (1860/1890)**

Lilian Florencio de Godoy
Mestre em Educação
Universidade São Francisco
lilif_godoy@hotmail.com

Renato Modeneze do Nascimento
Mestre em Educação
Universidade São Francisco
Renaton.82@gmail.com

Resumo: Neste texto apresentamos considerações a partir de pesquisas e estudos históricos que privilegiaram a cidade de Bragança Paulista focalizada no período entre as décadas de 1860 a 1890. O contexto observado sinaliza o momento em que os projetos de urbanização e modernização da cidade ganharam outras formas, demandando da população local a adesão sob uma nova ordem de viver e estar no espaço e que formava a cidade da época. Momento que marca a transição do regime imperial para o republicano, Bragança passou a ser modelada aos olhos de uma elite letrada e de hábitos urbanos, de relações próximas à cafeicultura que se formava localmente. Neste contexto surgiu próximo à área urbana, no ano de 1887, o Mercado Público de Bragança, edifício que passou não só a abrigar, mas também limitar àquele espaço, as atividades de comércio de gêneros alimentícios que ocorriam pelas ruas e caminhos existentes na cidade. Aqui nos atentamos aos indícios encontrados em fontes de época, em acervos públicos e privados de Bragança Paulista relacionados o momento de construção do prédio na cidade. Atentamo-nos a outros olhares possíveis sobre a história da educação, indo ao encontro da educação dos sentidos e das sensibilidades.

Palavras-chave: História da Educação; comércio de gêneros alimentícios; Mercado Público de Bragança.

O Mercado Público de Bragança/SP: um espaço de educação (dos sentidos e das sensibilidades).

Neste texto direcionamos nossas análises à educação dos sentidos e das sensibilidades, inclinados a perceber o processo histórico-cultural que reformulou as

práticas e os saberes vinculados ao comércio de gêneros alimentícios que acontecia na cidade de Bragança desde sua origem. Com a construção do Mercado Público de Bragança, essas atividades foram reformuladas e condicionadas às novas práticas e demandas que surgiram com a modernidade.

Logo pensamos e articulamos o nosso olhar através das representações de outros tempos sobre a cidade, nas quais percebemos transformações na maneira com a qual o comércio de gêneros alimentícios foi sendo ressignificado, consoante ao crescimento das cidades paulistas da época. Da modernização das práticas comerciais ao longo da segunda metade do século XIX ocorridas em Bragança, esta atividade teve seu lugar próprio para acontecer a partir das décadas de 1880 com a construção do mercado público, alterando toda ordem de tempo e espaço dos comerciantes.

Nessa direção corroboramos com Taborda de Oliveira (2018) quando considera que

(...) incrementar os estudos na perspectiva da história da educação dos sentidos e das sensibilidades pode significar o refinamento do olhar para a lenta constituição de formas de agir e sentir – e, também, pensar – gestadas no cruzamento das determinações estruturais e da volição individual. Posicionando-se contra as formas arbitrárias de conceber a experiência de diferentes indivíduos ou grupos sociais – “alienados”, “passivos”, “refêns da falsa consciência”, “indiferentes” ou “vítimas” – o estudo histórico das sensibilidades nos mostra que as ações e reações humanas guardam tal complexidade que não podem ser reduzidas a qualquer esquema racionalista simplista (TABORDA DE OLIVEIRA, 2018, p.136).

Na segunda metade do século XIX, a cidade de Bragança/SP¹ destacava-se no cenário interiorano paulista. Quarta cidade mais populosa do Estado de São Paulo deu nome a Região Bragantina². Nomeada de Villa Nova Bragança desde 1797, momento que iniciou sua emancipação política de Atibaia, da qual pertenceu como Freguesia de

¹ Neste texto nos reportamos à cidade de Bragança Paulista/ SP apenas como Bragança /SP, pois no contexto em que a observamos, o termo “Paulista” ainda não havia sido anexado ao nome da cidade. Este fato ocorreu apenas no ano de 1944, para diferenciá-la da cidade de Bragança localizada no Estado do Pará.

² A região era formada por “[...] povoações com quem limita: Atibaia (26,6 km), Itatiba (22,2 km), Amparo (38,8 km), Socorro (38,8 km), São José de Toledo (MG) (27,7 km), Santa Rita (MG) (22,2 km), Santo Antonio da Cachoeira (22,2 km) e São Paulo (66,6 km) (ALMANACK DE BRAGANÇA, 1900, p.118).

Jaguari³ desde o início da ocupação do território, no ano de 1763, sinalizava para uma expansão de atividades econômicas incipientes, provindas da agricultura e pecuária realizada na localidade. Milho, feijão, arroz, aguardente e toucinho eram os principais gêneros alimentícios produzidos nas áreas rurais da cidade. Produtos de importância para as relações comerciais com a Capital fortaleceram a integração da cidade ao sistema econômico paulista da época, pautado na comercialização de gêneros alimentícios (GODOY, 2018; BRAGANÇA, 1998; LEITE, 1974).

O alimento é a condição para a existência da vida, e “(...) o meio natural aparece de início como celeiro potencial, que não será utilizado indiferentemente, em bloco, mas conforme as possibilidades de operação do grupo; pois os animais e as plantas não constituem em alimentos do ponto de vista da cultura e da sociedade” (CANDIDO, 1964, p. 34). Importante ressaltar que produção agrícola dos excedentes produzidos em menor escala nas áreas rurais afastadas da cidade e comercializados no mercado interno das cidades foi o que possibilitou a existência e consolidação dos grandes núcleos urbanos que conhecemos atualmente, pois este,

(...) enquanto local permanente de moradia e de trabalho se implanta quando a produção local gera um excedente, uma quantidade de produtos para além das necessidades de consumo imediato. O excedente é, ao mesmo tempo, a possibilidade de existência da cidade – na medida em que seus moradores são consumidores e não produtores agrícolas – e seu resultado – na medida em que é a partir da cidade que a produção agrícola é impulsionada (ROLNIK, 1995, p.16).

Porém, neste contexto a cafeicultura tornava-se extremamente lucrativa no mercado externo, e impulsionar a produção na região fez parte das ações durante o segundo Império brasileiro. Para a República, o produto tornou-se o símbolo da riqueza e do poder, visto que esta cultura passou a predominar nas fazendas da região e dela provinham as elites, que diante do *status* de ricos cafeicultores acabavam por governar as pequenas cidades que se formavam na época. (BUENO, 2007; SCHWARCZ,

³ O nome de Freguesia do Jaguari faz referência ao nome da capela Nossa Senhora do Jaguary, construída em 1763 pelo casal Antonio Pires Pimentel e Inácia da Silva, do qual deu origem ao núcleo urbano que veio formar a cidade de Bragança Paulista.

STARLING, 2015). Nos periódicos que passaram a circular⁴ na cidade de Bragança a partir das décadas de 1870, esse estímulo esteve presente em colunas publicadas comumente nas primeiras páginas dos jornais. Seus editores, redatores e proprietários integravam as elites cafeeiras, letrada e vislumbrada pelos hábitos urbanos aos moldes europeus.

O Guaripocaba

- 21 de agosto de 1879

O Município de Bragança prospera a olhos vistos; não de um modo *irreflectido*, precipitado e fictício, mas de um modo seguro, calmo, paciente e constante.

Os lavradores, afastando-se da antiga rotina – plantar mantimentos e engordar porcos –, reconhecendo que as *excellentes* e férteis terras do município se prestaram com vantagem à cultura do mais importante ramo de nossa lavoura, foram-se dedicando à plantação de cafezais, e hoje muitos lavradores já fazem colheitas importantes, que irão sempre *augmentando* na razão das novas plantações feitas (O GUARIPOCABA, 21/08/1979, p.01).

No ano de 1861, a Câmara Municipal de Bragança respondia ao ofício encaminhado pelo governo provincial, do qual se interessava pelas atividades agrícolas que mais se desempenhavam nesta região, como mostra o registro feito em ata⁵.

Circular do Excelentíssimo Presidente *d'esta* província, de 06 de julho do corrente *anno*, e a comissão de parecer que a Câmara lhe preste as informações: Ao 1º que é o principal ramo de lavoura a *d'este* município a plantação de milho e a criação de porcos. Ao 2º que se planta café, feijão e arroz em mais pequena quantidade do que milho. Ao 3º que o toucinho e o café se destinam à exportação. Ao 4º que neste município não existem fábricas (CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA, 29/11/1861, p. 66 b - 67).

Para a história regional e local, o café segue como símbolo do progresso e da modernização das cidades paulistas (GUIMARÃES, 2013). Neste contexto histórico, as cidades foram sendo transformadas a fim de se integrarem à nova ordem provinda do mundo ocidental. As cidades ainda com aspectos de colônia (LOPES, 2002) não possuíam ruas asfaltadas ou pouco, iluminação pública e rede de água encanada. As

⁴ Entre os anos de 1860 a 1890 os periódicos locais eram: *O Guaripocaba (1877-1889)*, *O Cidade de Bragança (1888)* e o *Gazeta Republicana (1897)* (CENTRO DE MEÓRIA REGIONAL IFAN/USF, 1992).

⁵ Ata da Câmara Municipal de Bragança dos anos de 1860 a 1879.

casas ainda eram construídas em técnica de taipa e não existiam prédios públicos como hospitais, escolas, mercados, matadouros. O transporte dos gêneros para outras localidades era realizado pelos tropeiros até a chegada da ferrovia, mas esta atividade perdurou ao longo de muito tempo, pois atendiam uma demanda em lugares em que as rodovias não alcançavam.

A cidade passou a ser transformada a partir da década de 1870, onde equipamentos urbanos públicos como hospital, cemitério, praças, mercado e matadouro, bem e privados como casas comerciais, bancos, clubes; casas e palacetes com arquitetura eclética (ISHIZU, 2008), onde novas técnicas de construção e elementos decorativos às diferenciava das habitações consideradas menos expressivas, construídas em taipa de mão ou de pilão, passaram a compor o cenário urbano do período. Além do mais a iluminação pública, que atendia apenas a área urbanizada que se formava ainda era feita por lâmpões abastecidos com óleo animal e da inexistência de rede de água encanada e esgoto, que somente vieram a integrar a cidade de Bragança na virada do século XIX para o XX.

Ao observar esse que chamamos aqui de primeiro movimento de estruturação urbana de Bragança, percebemos uma dinâmica comercial considerável, voltada à produção de gêneros alimentícios e que justificou a modernização do núcleo na segunda metade do século XIX (GODOY; GUIMARÃES, 2018). Para abrigar essa atividade, ruas foram abertas, e com o tempo, alargadas, iluminadas e asfaltadas. Construções surgiram para atender a demanda, que crescia dada às proporções da época.

Os produtos chegavam às portas dos moradores da cidade, muitas vezes frescos, trazidos pelos carros de boi, carroças puxadas a cavalo ou mesmo empurradas à mão. Os comerciantes de gêneros, em maioria provinham da zona rural da cidade, dentre eles muitos negros ainda na condição de escravo, e após a abolição, a chegada dos imigrantes⁶ que foram alocados nas fazendas de café do município. Além do mais, nas origens da ocupação do território paulista, com a atuação dos Bandeirantes que seguiam pela região em busca do ouro, no encontro do português com o índio, a miscigenação

⁶ Segundo o Recenseamento Geral do Brasil elaborado em 1872, a cidade de Bragança existiam 167 imigrantes, sendo 09 alemães, 03 espanhóis, 11 italianos, 13 norte-americanos, 33 portugueses (RESCENCIAMENTO GERAL DO BRASIL, 1872, p.227).

das populações deu origem ao caboclo “(...) designando o mestiço próximo ou remoto de branco e índio, que em São Paulo forma[va] talvez a maioria da população tradicional” (CANDIDO, 1964, p.25).

Esse grupo de pessoas, cujo modo de vida foi definido como rústico, beirando ao bárbaro, quando colocado em contraponto ao modo de vida urbano que se estruturava na época edita como civilizada, a partir de várias características como, por exemplo, a fala cantada do *r*, o modo de se vestir, os hábitos de trabalho, de alimentação, de higiene, formaram um grupo social que passou a ser reconhecido como caipiras.

Na cidade de Bragança, o caipira até os dias de hoje permeia o caráter social do morador local, dada a grande quantidade de propriedades rurais existentes ao município e às atividades comerciais ainda vinculadas à criação de porcos (em uma escala quase que irrisória comparada ao século XIX), como é o caso da relação com a produção da linguiça⁷, que leva seu nome. Fato este muito curioso, pois quando voltamos ao passado através das fontes, não encontramos marcas de uma cidade produtora de linguiça, mas sim criadora de porcos e de gêneros alimentícios que permeiam essa cultura, como é o caso do milho (GODOY, 2018).

O caipira ainda esteve presente nas lembranças dos contemporâneos do início do século XX, como bem mostra uma parte do artigo publicado em primeira página no jornal que circulava trazendo notícias e opiniões sobre os acontecimentos da cidade:

Lembro-me dos tempos em que os nossos bons caipiras volteavam pelas ruas da cidade com seus cargueiros de alimentos e os ofereciam alegres e bondosos em tempo de abundância, procedendo desta forma, a fim de capturar a *sympatia* dos *freguezes*; mas quando havia escassez ou carestia, mudavam de *systema* e passavam muito anchos ou cheios de si, sem nada a *offerecerem* e quando lhes perguntavam o que vendiam, a primeira vez fingiam não ouvir e na repetição da pergunta e que se dignavam em voz grossa e com altivez responder: *mio*, *fechão*, *arrais* etc. e sem parar continuavam o seu caminho duros e tensos como um fuso [...] (A NOTÍCIA, 1905, ano I, n. 13, p. 01, grifos do autor).

Em um dos raros estudos feitos sobre esse grupo social, Antonio Cândido (1964), ressalta que, diante das novas estruturas proposta pela vida moderna e urbana, o

⁷ Recentemente, houve através da Câmara Municipal da Estância de Bragança Paulista uma moção a fim de tornar a nível nacional, a cidade de Bragança Paulista como “Terra da Linguiça”.

caipira tornou-se um símbolo jocoso, de uma sociedade considerada atrasada dada ao fato de serem, para além de analfabetos, trabalhadores que viviam de acordo com o tempo da natureza, - tempo da estiagem dos cereais, da engorda dos animais para o abate, do cultivo das frutas e hortaliças, produtos esses de grande consumo das populações urbanas - e que por não estarem alinhados às novas estruturas pautadas no tempo cronometrado pelo relógio (THOMPSON, 1998), eram considerados vagabundos, preguiçosos e sempre sujeitos às doenças. Além do mais esses sujeitos eram independentes da produção da cidade, e na situação de detentores dos produtos a serem comercializados em época de carestia tinham verdadeira autonomia com relação à atividade comercial, como bem analisou o redator do artigo do jornal.

Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. Daí o atraso que feriu a atenção de Saint-Hilaire⁸ e criou tantos estereótipos, fixados sinteticamente de maneira injusta, brilhante e caricatural, já neste século [XX], no Jeca Tatu de Monteiro Lobato. (CÂNDIDO, 1964, p. 81-82).

Inclinados a olhar para a História da Educação, percebemos uma espécie de fronteira cultural (PESAVENTO, 2002) entre campo e cidade, onde as práticas e os saberes vinculados ao mundo rural foram matizados pela nova lógica da produção fabril, da racionalidade instrumental e do tempo e espaços matematicamente traçados, ancorados na modernidade. Além do mais o comércio de alimentos sinalizados para uma economia moral (THOMPSON, 2018), pautada nesse tipo de atividade que regulava a economia de sociedades europeias que transitavam para a nova ordem capitalista, da qual nem toda a população tinha acesso.

Mais evidente fica ainda quando tomamos o Mercado Público de Bragança como um espaço criado dentro da ordem da modernidade, que surge ancorado nos projetos de urbanização iniciados na segunda metade do século XIX em Bragança. Este edifício que

⁸ Naturalista francês, Auguste de Saint-Hilaire percorreu o centro-sul do Brasil entre 1816 e 1822 e escreveu a respeito das províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Goiás, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Foi membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Os sertanejos aparecem como “escória” na medida em que não correspondem ao modelo dos “centros civilizados” (MIRANDA, 2007, p. 1-12).

atualmente esta localizada no centro histórico de Bragança, área mapeada⁹ pelo *Conselho de Defesa do Patrimônio, Histórico, Artístico e Cultural de Bragança Paulista* (CONDEPHAC/BP), na sua origem era considerada região periférica da cidade, com ruas precárias e becos escuros, poucas construções e moradias, das quais as existentes formavam um conjunto de pequenas chácaras, onde eram criados animais e produzidos gêneros alimentícios de primeira necessidade (GODOY, 2018; GUIMARÃES, 2013; ISHIZU, 2008).

A edificação do Mercado Público, que teve início no ano de 1886¹⁰ passou a abrigar as atividades de comércio de gêneros alimentícios. Como local exclusivo para essa atividade, onde vendedores ambulantes seriam sumariamente perseguidos pelos fiscais da Câmara por todo o município, este espaço emergiu ancorados em pressupostos higienistas, sanitários e também eugênicos da época. Pelo perfil social do trabalhador desse comércio em específico, além de caipiras iletrados eram, em grande parte, formados por negros, imigrantes pobres e seus descendentes, dentre eles, muitas mulheres e crianças, dos quais estiveram vinculados à pobreza, doença e crime (CHALHOUB, 2002; BRESCIANI, 1995).

BIBLIOGRAFIA

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. **O corpo e as sensibilidades modernas: Bragança (1900-1920).** 2007. Tese (Doutorado). Campinas: Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, 2007.

⁹ Em 2015, no governo do prefeito Fernão Dias Paes Leme (PT – 2013/2015) foi realizado o *Levantamento arquitetônico e histórico de Bragança Paulista*. A área delimitada para o estudo forma parte atual da região central da cidade, na qual deu início a ocupação urbana do território no século XVII. São elas: As praças Raul Leme e José Bonifácio, Praça Princesa Isabel, Rua Coronel Leme e Rua Coronel Teófilo Leme; Rua Cândido Rodrigues, Rua José Domingues e Rua Santa Clara; Rua José Guilherme e Abílio Dantas; Travessa Itália, Riachuelo, Nicolino Nacaratti.

¹⁰ Neste ano era presidente da Câmara de Bragança, Emygídio da Silveira Vasconcellos.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e transformação dos meios de vida. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1964.

CENTRO de Memória Regional IFAN/USF. **Catálogo da coleção de periódicos 1992**. Instituto Franciscano de Antropologia. Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 1992.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. 3ª ed. Campinas Cia das Letras, 2012.

GODOY, Lilian Florencio de. **O Mercado Público de Bragança: patrimônio cultural, educação dos sentidos e das sensibilidades**. (Mestrado em Educação). 137 p. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. Itatiba/SP, 2018.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. **Corpo e Cidade**: sensibilidades, Memórias e Histórias. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

ISHIZU, Andreia Luri. **Evolução da malha urbana e arquitetura de Bragança Paulista – 1884-1967**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2008.

LEITE, Beatriz Westin Cerqueira. **Região Bragantina**: Estudo Econômico e Social (1653 -1836). Tese Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Marília, S.P., 1974.

LOPES, Myriam Bahia. **O Rio em Movimento**: quadros médicos e(m) história 1890-1920. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. In: Além das Fronteiras. Martins, Maria Helena (Org.). **Fronteiras Culturais. Brasil-Uruguaí-Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SCHWARCZ, Lilia de M; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

TABORDA DE OLIVEIRA, M.A. Educação dos sentidos e das sensibilidades: entre a moda acadêmica e a possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em história da educação. **Revista História da Educação**. (p. 116-133). Porto Alegre, v. 22, n.56, set/dez 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/76625>. Acesso em 02 out. 2018.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

DOCUMENTOS

Oficiais

ATA DE REGISTRO DA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA - 1861 a 1879.

Periódicos

ALMANACK DE BRAGANÇA PARA 1900. Bragança: Tipografia Commercial, 1899.

O GUARIPOCABA. Bragança. O Guaripocaba, 1877-1888.

A NOTÍCIA. Bragança. A Notícia, 1905-1907.